

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
2 e 6 de Julho de 2021
CINEMA ITALIANO, LADO B

LA SPIAGGIA / 1954 A Intrusa

Um filme de Alberto Lattuada

Argumento: Alberto Lattuada, Luigi Malerba, Rodolfo Sonego, com a colaboração de Charles Spaak, a partir de uma história de Lattuada / *Imagem* (35 mm, Ferraniacolor, formato 1x37): Mario Craveri / *Cenários e figurinos* : Dario Cecchi e Mario Serra Chiari / *Música:* Piero Morgan / *Montagem:* Mario Serandrei / *Som (mono):* Eraldo Giordani, Ercole Pace / *Interpretação:* Martine Carol, dobrada por Dhia Christiani (*Annamaria Mentorsì*), Raf Vallone (*Silvio, o presidente da Câmara*), Anna Gabriela Pisani (*Caterina, a filha de Anna Maria*), Mario Carotenutto (*Mario Albertocchi*), Carlo Romano (*Luigi*), Clelia Matania (*a mulher de Albertocchi*), Carlo Bianco (*Chiastrino, o milionário*), Mara Berni (*a Sra. Marini*), Rosy Mazzacurati (*a mulher snob que se entedia*), Valeria Moriconi (*Gughi, a existencialista*), Elly Norden (*a senhora sueca*), Georges Bréhat (*o marido da sueca*), Zina Rachevsky (*a condessa*), Enrico Glori (*o diretor do hotel*), Gino Zarfatti (*o garoto que recolhe as garrafas*), Marco Ferreri (*o homem gordo que fuma*), Ugo Attanasio (*o missionário no comboio*) e outros.

Produção: Titanus e Gamma Films (Roma), C.C.C. Films (Paris) / *Cópia:* 35mm, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreia mundial:* Milão (Teatro Manzoni), 25 de Fevereiro de 1954 / *Estreia em Portugal:* 2 de Fevereiro de 1955 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: devido à chegada tardia da cópia, não foi possível preparar a respectiva “folha”. Em substituição, propomos um comentário extraído do livro de Angelo Zanellato *L’Uomo (cativa sorte): il cinema di Alberto Lattuada* (Livreria Editrice, 1973).

Quando trabalhava em **La Lupa** Lattuada declarou ter esperança de “realizar dentro em breve um filme mais empenhado e de maior alcance”. Este filme veio a ser **La Spiaggia**. Aqui o realizador milanês interroga o ambiente burguês que já há algum tempo constituía, depois da documentação sobre a Itália do pós-guerra e a sua problemática social, o tema preferido dos cineastas italianos, de Gori a Soldati, de Pietrangeli a De Sica, de Antonioni a Fellini. O realizador declarou numa entrevista a *Filmcritica* que “o tema do filme nasceu de modo excepcional, porque vi pessoalmente uma prostituta em prantos num bordel. Perguntei-lhe o que se passava e ela respondeu que quando estivera de férias à beira-mar fora isolada como um cão sarnento e tinham feito o mesmo com a sua filha”. Indignado, Lattuada escreveu a história de **La Spiaggia**, que filmou com fotografia a cor de Mario Craveri em Spontorno, na Ligúria, no Verão de 1953. Pelo seu tema – a história de uma mulher que tenta reconstruir a sua vida mas é reenviada a uma profissão aviltante por uma sociedade hostil e, no fundo, mais corrupta do que ela – **La Spiaggia** é considerado uma das obras mais representativas do cinema de Lattuada. (...)

Em **La Spiaggia**, que sob o aspecto de uma “comédia à italiana” oscila entre a pontada corrosiva e a deformação caricatural, Lattuada ataca a falsa moralidade baseada no culto das aparências exteriores e no poder do dinheiro. Devido à tese polémica e anticonformista que está na base do filme - as senhoras “bem” são prostitutas e as prostitutas tornam-se respeitáveis - o filme esteve no centro de um vespeiro de polémicas, que deslizaram do plano estético para o político. A crítica, que esteve grosso modo de acordo no que refere as reservas estéticas, interpretou diversamente o filme consoante as suas tendências políticas. A de esquerda levou às nuvens o personagem do presidente da câmara: “um homem que trabalha, um comunista” (Umberto Barbaro); a de direita atacou o realizador porque este invertia os valores tradicionais e criticava a burguesia. Estas polémicas chegaram a tal ponto que **La**

Spiaggia foi objeto de debates no Parlamento italiano. Lattuada interveio no debate com entrevistas e cartas aos jornais e revistas especializados (*L'Europeo*; *Cinema Nuovo*) para rebater as críticas no domínio estético e esclarecer as suas intenções, precisando a sua própria posição ideológica de *“independente de esquerda”*. Declarou não ter tido a intenção de fazer um filme *“classista”* e que não considerava **La Spiaggia**, no seu conjunto, como um ataque à burguesia: *“La Spiaggia não é um filme de propaganda. A representação de um pequeno mundo e das suas hipocrisias, aferradas ao poder soberano do dinheiro, foi tratada por mim do modo mais objetivo possível”*. (...)

Prevalece no filme a atitude típica do cineasta, que é a observação distanciada, a reflexão superior. Como observou Filippo M. De Sanctis: *“Há no filme um juízo moral que, à partida, o realizador talvez quisesse claro e resoluto, mas ao longo da narrativa os pontos de vista se cruzam e se contradizem”* e por isso *“todos têm a sua justificação: crianças, super-capitalistas, grandes aproveitadores, comunistas, bons burgueses”*. Como sempre, Lattuada põe-se acima dos partidos (mas ao lado dos seus “humilhados”) e submete as ideias políticas a uma visão moralista da vida. Dá ao milionário a réplica final, o seu ponto de vista: condena a hipocrisia da burguesia, mas ao mesmo tempo manifesta a sua desconfiança em relação à natureza humana. Constata, com magoado pessimismo, que é necessário adaptar-se aos preconceitos e ao modo de vida de uma sociedade equivocada, porém mais forte que os indivíduos (veja-se a escolha final de Annamaria que dá o braço ao milionário e, com lágrimas nos olhos, diz à filha: *“Agora todos vão respeitar-te”*). (...)

Lattuada, tomando emprestado um termo utilizado em pintura, gosta de definir **La Spiaggia** como um filme *divisionista*. De facto, renunciando na prática a uma estrutura narrativa, ele estuda os personagens e descreve o ambiente em breves fragmentos, em rápidas pinceladas, exatamente com a técnica divisionista – ora colhendo uma frase ou uma atitude, ora um momento do dia – de modo que o fundo humano e os cenários da narrativa acabam por ser mostrados com alguma riqueza de pormenores. (...) Um aspecto muito importante do filme é a cor, que Lattuada utiliza pela primeira vez, fazendo-o de maneira um tanto inovadora para sublinhar os estados de alma e descrever os ambientes, antecipando-se em dez anos à experiência feita por Antonioni em **O Deserto Vermelho**. Ele eliminou da sua paleta os vermelhos, devido aos seus efeitos demasiado especiosos, preferindo cores menos vivas: cinzentos, amarelos, azuis, brancos. A propósito do uso da cor em **La Spiaggia**, Enrico Paulucci observou que *“há no filme insólitos «morceaux de bravoure», de gosto excelente, que não ignoram certamente os exemplos da pintura que, de Matisse a Marquet, evocaram a limpidez e a alegria do litoral do Mediterrâneo”*. Entre as sequências mais interessantes sob este aspecto podemos citar a saída do comboio da escuridão do túnel para o litoral luminosíssimo, com um mar de um azul intenso que torna espontânea a explosão de alegria de alguns viajantes; os planos da praia à luz rósea da manhã, com os guarda-sóis fechados; o passeio de Annamaria e da sua filha num coche pela pequena cidade, *“com o jogo de cores (azuis esverdeados na sombra, cálidos tons rosados ao sol, um cavalo branco), que mostra que Lattuada sabe o que é a cor no cinema”*. Nestas sequências, Lattuada mostra que não é guiado apenas pelo gosto formalista, pois o refinamento estilístico ajuda a demonstrar o estado de alma dos personagens e a retratar a paisagem em função disto.

Além das polémicas circunstanciais e destes componentes técnico-estilísticos, o filme também deve o seu interesse ao facto de que, quando surgiu, parecia fazer o ponto sobre a mudança de direção em curso no cinema italiano mais empenhado, para tentar sair da situação estagnante de uma tendência que se exauria ou era anexada pelo mundo do espetáculo. Fernaldo Di Giammateo observou que *“para o cinema italiano de 1954, La Spiaggia é um filme muito importante. Lattuada precisou o sentido do «realismo burguês» que constitui, já há algum tempo, o único aspecto positivo do cinema italiano. É aqui que este «realismo burguês» começa sua fase histórica, depois de alguns filmes que limitavam-se a antecipá-lo”*.